



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

HEVELLY SOUSA BARBOSA

**AFETIVIDADE E PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: narrativas sobre a
prática docente**

CASTANHAL
2022

HEVELLY SOUSA BARBOSA

**AFETIVIDADE E PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: narrativas sobre a
prática docente**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Orientador: Prof. Adriano Sales dos Santos Silva

CASTANHAL
2022

Página destinada á inclusão da ficha catalográfica.

Acesse <http://bcficat.ufpa.br/>

HEVELLY SOUSA BARBOSA

AFETIVIDADE E PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: narrativas sobre a prática docente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

(Prof. Msc. Adriano Sales dos Santos Silva – Orientador)
UFPA

(Prof. Dr. Madison Rocha Ribeiro)
UFPA

(Prof^ª. Dra Elisa de Nazaré Gomes Pereira)
SEDUC-PA

Para quem me fez
Francisca Santana
Eu existo. Por sua causa.
Espero que olhe pra mim e sinta
Que os sacrificios valeram a pena.

AGRADECIMENTOS

“Se tiverdes fé como um grão de mostarda (...) nada vos será impossível” (MATEUS 17:20)

Chegar ao final de um projeto nunca me pareceu tão assustador. Foram longos anos dentro da Faculdade de Pedagogia e agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Primeiramente agradecer a Deus por ter me sustentado até aqui. Sem ele eu não estaria onde estou. Por seu meu ponto de paz e refúgio.

À minha mãe que é e sempre será o amor da minha vida. Essa vitória eu dedico a você que sempre me amou incondicionalmente e lutou para me dar a melhor educação possível. Nenhuma palavra poderia descrever o tamanho da minha gratidão. Tua força me guia nas horas ruins e teu amor me abraça nos momentos em que me sinto só. Obrigada por cuidar de mim ai de cima.

Ao Meu pai: Elivan Barbosa por sempre estar disposto a ajudar e torcer para que eu conquistasse meu tão sonhado diploma.

Aos meus tios que me acolheram como se eu fosse sua filha: Eliana Barbosa e César Rodrigues. Obrigada por acreditarem em mim e sempre estarem dispostos a ajudar quando precisei. Agradeço a todas as orações e conselhos. Essa vitória também é de vocês que me acompanharam durante toda minha trajetória.

À minha irmã: Camila Barbosa por todos os momentos em que estive ao meu lado. Por ser uma ótima amiga e me fazer rir nos piores momentos. Ao meu irmão: César filho por ser o melhor amigo de todos. Por me ouvir quando precisei e compartilhar comigo os melhores hobbies de todos. Amo vocês.

À minha tia: Lisiane Araújo e minha prima Maria Elisa por todo o amor, carinho, conselhos e orações. Vocês foram essenciais durante essa caminhada.

Gostaria de agradecer as minhas amigas de curso: Elizama Oeiras, Fernanda Ferreira, Laila Reis e Monique Barroso vocês foram meu ponto de apoio ao longo desses anos. Sem vocês eu não teria chegado até aqui. Obrigada por todos os momentos, risadas, conselhos e

ensinamentos. Foram longos anos de muitas dúvidas, angustias e incertezas, mas com vocês eles ficaram mais divertidos.

Ao meu querido e estimado orientador Prof. Msc Adriano Sales dos Santos Silva, por ser tão receptivo comigo e minha pesquisa, mesmo sem me conhecer. Pelas orientações, paciência e amizade que possibilitaram a elaboração desse trabalho. Sempre muito acolhedor e compreensivo, mesmo quando eu não merecia. Gratidão por todos os ensinamentos.

A todos aqueles que contribuíram de forma direta ou não para que eu chegasse até aqui. A toda minha família, meus amigos e meus colegas de trabalho. Muito obrigada.

Finalizo aqui agradecendo a mim: Hevelly Barbosa por não ter desistido mesmo quando tudo dizia o contrário. Conseguir chegar até aqui é de fato uma realização mais que especial. A primeira da minha família a ter um diploma. Não foi fácil, mas agora olhando para trás tudo valeu a pena.

“Carregamos dentro de nós as coisas
extraordinárias que procuramos à nossa volta.”
(BROWNE, 1658)

RESUMO

O estudo tem como tema central a discussão sobre o papel da afetividade no processo de ensino e aprendizagem a partir da prática docente. Assumo os princípios teóricos e metodológicos da pesquisa narrativa, compreendendo que a narrativa é o melhor modo de entender e estudar o ambiente da vida real através dos relatos de experiências. Investigar os sentidos da afetividade na prática docente de professoras que atuam na Educação Infantil se constitui no objetivo geral e, especificamente, identificar aspectos de afetividade assumidos e presentes na interação entre professor e aluno na relação pedagógica, além de, investigar como as relações de afeto são utilizadas na prática docente. Participaram da pesquisa três professoras que atuam na Educação infantil em uma instituição privada da cidade de Castanhal-PA. As entrevistas foram realizadas com finalidade de identificar a relevância da afetividade no processo de ensino aprendizagem para as docentes e de que modo às relações de afeto eram utilizadas pelas professoras dentro de sala de aula. Sendo assim, mediante esta pesquisa, constatou-se a importância dos afetos dentro do ambiente da sala de aula e, mais precisamente, na relação entre professor e aluno, pois a afetividade e cognição não se dissociam. Logo, os afetos permeados nesta relação interpessoal podem gerar impactos determinantes no processo de ensino e de aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade; Prática Docente; Educação Infantil; Pesquisa Narrativa.

ABSTRACT

The study has as its central theme the discussion about the role of affectivity in the teaching and learning process based on teaching practice. I assume the theoretical and methodological principles of narrative research, understanding that narrative is the best way to understand and study the real-life environment through experience reports. Investigating how teachers use affectivity in their teaching practice constitutes the general objective and, specifically, identifying aspects of affectivity assumed and present in the interaction between teacher and student in the pedagogical relationship, in addition to systematizing the repercussions of aspects of affectivity in students' learning. Three teachers who work in Early Childhood Education in a private institution in the city of Castanhal-PA participated in the research. The interviews were carried out with the purpose of identifying the relevance of affectivity in the teaching-learning process for the teachers and how affective relationships were used in teaching practice. Thus, through this research, the importance of affection within the classroom environment and, more precisely, in the relationship between teacher and student was verified, since affectivity and cognition are not dissociated. Therefore, the affects permeated in this interpersonal relationship can generate decisive impacts on the teaching and learning process.

Keywords: Affectivity; Teaching Practice; Child education; Narrative Research.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
I SEÇÃO: DO MEU PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO À PRÁTICA EM SALA DE AULA.....	14
II SEÇÃO: PERCURSO METODOLÓGICO.....	19
III SEÇÃO: AS RELAÇÕES DE AFETO COMO BASE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	24
3.1 - Afetividade.....	26
3.2 - Prática Docente.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERENCIAS.....	31
APENDICE A – Termos de consentimento livre e esclarecido.....	33
ANEXO A – Questionario.....	34

INTRODUÇÃO

A temática Educação é abrangente e traz consigo várias perspectivas. Atualmente, se pode afirmar que é inviável discutir Educação focando apenas nos conhecimentos e excluindo o campo das relações de afeto, logo não se pode esquecer que o ser humano é conduzido por dois polos complementares: razão e emoção. Para Sarmiento (2010) é evidente que o afeto dentro do ambiente escolar possibilita uma aprendizagem sadia, onde o aluno se compreende como sujeito responsável pela construção da sua própria identidade e por consequência do seu conhecimento.

Ao longo da história, a forma de se pensar a criança sofreu diversas transformações, reconstituindo novas visões sobre o que cerca a criança e as mudanças que ocorrem ao longo da infância. No decorrer de muito tempo, a criança foi ignorada na condição de sujeito histórico, contribuinte e participante de uma sociedade com aspectos específicos, atendendo suas individualidades, na forma de expressar-se, na maneira de vestir-se, em um lugar particular, estudado e adequando a criança (HEYWOOD, 2004, p.87).

Diante disso, nem sempre o cuidar e o afeto dentro da prática docente eram considerados como necessários ou essenciais na construção e na formação dos aspectos cognitivos, emocionais e sociais da criança. Sendo assim uma prática docente que se mostre preocupada com a relação professor/aluno e de como ser base no processo de ensino pode trazer grandes reflexões.

É fato que não se pode desassociar afeto de aprendizagem, uma vez que as duas caminham juntas. De acordo com Wallon (1979), a personalidade de um sujeito é formada por duas funções básicas: inteligência e afetividade. A inteligência ou conhecimento está ligado ao mundo físico, à construção do objeto. Agora a afetividade assume uma função anterior à inteligência, atribuindo um papel essencial no desenvolvimento humano, determinando os interesses e as necessidades individuais do sujeito.

Apoiado nas análises e revisões teóricas sobre o tema em questão pretendo investigar, a partir das minhas vivências em sala de aula e da análise das falas de outras docentes, de que modo se estabelecem as relações de afeto entre professor e aluno na Educação Infantil? Para isso, utilizarei principalmente as contribuições teóricas de Wallon (1968-1971) e Vygotsky (1998) quanto à importância das relações de afeto dentro da sala de aula, tendo como base também minha experiência no estágio curricular em uma turma de Ensino Infantil.

O referencial teórico e metodológico utilizado para a elaboração deste estudo é a pesquisa narrativa, por meio de entrevistas gravadas em áudio e transcritas. As narrativas favorecem as reflexões em relação a situações vividas pelos sujeitos, as ações sofridas, no âmbito social, pessoal, econômico, educacional ou político, assim como é capaz de indicar a necessidade de modificação na cultura, na sociedade, na política. Logo, “a razão principal para o uso das narrativas na pesquisa em educação é que nós seres humanos, somos organismos que individual e socialmente, vivemos vidas contadas”. (CLANDININ; CONNELLY, 1995, p. 11).

Assim, firmo a questão-problema que conduziu meu projeto de curso: de que modo se estabelecem as relações de afeto entre professor e aluno na Educação Infantil?

Nesta perspectiva defini como objetivo geral: investigar os sentidos da afetividade na prática docente de professoras que atuam na Educação Infantil, e como objetivos específicos classifiquei:

- a) Identificar aspectos de afetividade assumidos e presentes na interação entre professor e aluno na relação pedagógica;**
- b) Investigar como as relações de afeto são utilizadas dentro da prática docente;**

Com a intenção de melhor posicionar o leitor nas discussões/análises da pesquisa busquei organizar o trabalho em três seções: na primeira apresento meu memorial, com o intuito de mostrar como meu processo de escolarização auxiliou na minha docência.

A segunda seção trata do percurso metodológico a ser utilizado durante o planejamento, e a definição do tipo de pesquisa realizada, a coleta e análise dos dados e os procedimentos utilizados.

Na terceira seção faz-se a análise das entrevistas, partindo das experiências das participantes acerca de sua prática docente articulando-os com o referencial teórico.

Em seguida abordo as considerações finais da pesquisa, salientando que as noções obtidas com a análise do tema não acabam aqui. Longe disso, a compreensão das realidades dos docentes é continua, pois constrói outro tipo de conhecimento, um mais próximo da realidade educativa.

I SEÇÃO: DO MEU PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO À PRÁTICA EM SALA DE AULA

Nesta seção apresento e descrevo de forma breve o meu “despertar” para o tema da pesquisa e como minhas vivências influenciaram o caminhar dentro da pesquisa narrativa. Assim como afirma Clandinin e Conelly (2015, p. 96):

Ao trabalharmos em nosso espaço tridimensional, é que, como pesquisadores narrativos, não estamos sozinhos nesse espaço. Esse espaço envolve a nós e aqueles com quem trabalhamos. A pesquisa narrativa é uma pesquisa relacional quando trabalhamos no campo, movendo-nos do campo para o texto do campo, e do texto do campo para o texto da pesquisa.

Desse modo, quando nos deparamos com esse espaço tridimensional estamos em confronto com o passado, presente e futuro. Mesmo não sendo uma tarefa muito fácil relembrar todos os fatos que já vivenciamos, todas as nossas histórias contribuem para caminhos prováveis do nosso futuro.

Preciso ser sincera aqui e dizer o quanto é difícil escrever sobre mim e mais ainda sobre minhas memórias. Grande parte por não me lembra da minha infância e em outro porque escrever narrativamente requer reviver momentos que foram de grande importância, mas que também trazem, de certa forma, memórias não muito agradáveis. Assim como afirma Clandinin e Conelly (2011, p. 186):

Há também, uma tensão quando olhamos introspectivamente a respeito de questões de voz e se seremos capazes de capturar e representar as histórias compartilhadas por nós mesmos e por nossos participantes. Há uma tensão, ainda, quando nos voltamos extrospectivamente, para pensar a respeito de questões de audiência e de forma. E há, também, uma tensão quando consideramos em como representar a situacionalidade da pesquisa dentro de um lugar.

Nesse sentido, transformar minhas memórias e as narrativas registradas em um texto de pesquisa não é uma tarefa fácil, e sim, bastante complexa. “Por isso, tão difícil quanto pode ser contar uma história, mais difícil ainda é a tarefa igualmente importante, de recontar as histórias que permitem desenvolvimento e mudança” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 108).

Acho importante fazer uma breve apresentação de mim antes de adentrar de fato ao objetivo da seção. Meu nome é Hevelly Barbosa, sou filha de Francisca Santana e Elivan Barbosa, nascida na cidade de Castanhal, município do estado do Pará. Tenho 22 anos, sou solteira, não tenho filhos. Atualmente moro com meus tios Eliana Barbosa e César Augusto.

Tenho 2 (duas) irmãs por parte de pai Maria Clara e Maria Luiza e 2 (dois) irmãos de consideração Camila e César.

Passei minha infância em um bairro da cidade de Castanhal chamado Imperador. Morei na mesma casa até meus 15 (quinze) anos, quando tive que me mudar. Minha mãe era cozinheira em uma grande empresa da cidade e vivíamos com o salário dela desde que me lembro. Comecei a estudar com 3 (três) anos, em uma creche que ficava na esquina da minha casa, em parte porque minha mãe queria me alfabetizar logo e em outra porque não tínhamos dinheiro para babá na época e ela precisava trabalhar. Um ano depois fui matriculada em uma escola de ensino infantil e fundamental, pois de acordo com minha mãe eu só aprendi a cantar músicas infantis e não sabia identificar nenhuma letra.

Em 2016 meus caminhos encontraram de modo bastante inesperado a pedagogia. Nunca esperei que fosse me tornar professora, mas minha mãe sempre viu esse “lado” mais pedagógico em mim. Foi neste ano (2016) em que a perdi e a partir desse momento passei a ver o meu lado mais pedagógico também. Ter que mudar totalmente de vida me levou até o reforço escolar, já que precisava de uma verba além da ajuda dos meus tios. E foi nesse momento que me encontrei dentro da alfabetização de crianças. Nesse mesmo ano estava me formando no ensino médio e precisava passar no vestibular para conseguir ingressar em uma Universidade Pública como sempre sonhei. Infelizmente as coisas não saíram como o esperado.

Somente em 2017 esse sonho finalmente se realizou e ingressei na Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal no curso de Pedagogia. Entrar em uma instituição com tanto renome foi uma vitória e tanto, para mim foi mais que especial, ao mesmo tempo em que estava realizando o meu sonho, também realizava o de minha mãe que sempre sonhou em me ver conquistar esse feito. Havia muita expectativa em mim, tinha acabado de sair do ensino médio e não sabia como era uma sala de aula da universidade. Preciso dizer que nos primeiros 6 (seis) meses pensei em largar o curso e prestar o vestibular de novo. Tudo era muito novo e o novo sempre me assustou, mas hoje fico feliz em saber que fiz a escolha certa de não desistir.

Durante o 2º (segundo) semestre do curso me vi apaixonada na disciplina de Psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento e em como as experiências levam o ser humano a avançar. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2008) “o desenvolvimento humano acontece por meio de todos seus aspectos: físico-motor, intelectual,

afetivo-emocional e social, compreendendo desde o nascimento até o fim da vida”. Com base nisso, foquei apenas em como o afetivo-emocional pode influenciar o desenvolvimento de alunos do ensino infantil, a partir da prática do professor dentro da sala de aula.

Logo após esse momento de “descoberta” dessa nova “paixão” uma vaga de estagio remunerado em uma creche privada da cidade de Castanhal-PA foi divulgada. Ocupei a vaga e descobri por experiência a importância das relações de afeto e o uso dessas relações na prática do professor dentro de sala de aula. Nessa perspectiva das interações afetivas entre os alunos e professores, as autoras defendem que:

A afetividade se constitui como uma das habilidades que as profissionais de Educação Infantil precisam utilizar para elaboração das propostas pedagógicas, no planejamento das atividades e na mediação das relações entre professora-criança, entre criança-criança e entre as crianças e os objetos de conhecimento. Dessa forma, a dimensão afetiva é inerente à função primordial das creches e pré-escolas, cuidar e educar (CACHEFFO e GARMS, 2015, p. 25)

É de grande importância pensar que a construção dos planejamentos das atividades deve estar pautada no desenvolvimento afetivo infantil, na relação professor/aluno e criança/criança, dando enfoque no desenvolvimento da criança integral.

Meu primeiro contato com a sala da educação infantil foi bem marcante. Foi em uma turma do Maternal III que era bastante agitada, em especial um aluno que não tinha nenhum limite dentro da sala, tinha dificuldade em seguir a rotina de sala, não respeitava os colegas nem a professora, não gostava de ser contrariado e tinha uma grande dificuldade de dividir a atenção da professora com os outros alunos. Por vezes ocorreram momentos em que ficava chateado quando a professora dava um pouco mais de atenção a outro aluno ou quando queria algum brinquedo que já estava com outra criança, se sentia chateado e soltava sua frustração na turma. Derrubava as cadeiras, jogava objetos da sala nos outros alunos, mordida a professora. A sala ficava um caos. Nesse primeiro dia pensei que não voltaria á sala de aula outra vez. Visto que, lidar com crianças pequenas requer um preparo emocional que naquele primeiro momento eu não tinha.

Como era estagiária fui colocada como responsável pelos alunos que não tinham uma mediadora e assim, comecei a acompanhar ele de perto. Com o passar dos dias foi ficando evidente que quanto mais afeto e mais atenção dava a ele, cada vez mais a confiança que vinha cultivando crescia. Fazendo com que, aos poucos, seus comportamentos fossem se modificando fazendo com que participasse das atividades em sala e se relacionasse com os demais alunos. Nesse momento a temática da pesquisa surgiu, de que modo o professor da

educação infantil pode utilizar a suas relações de afeto com os alunos como forma de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

Partindo do pressuposto que os sujeitos se constituem como seres sociais-cognitivos-motores-afetivos da e nas relações que estabelecem com o mundo e com os outros sujeitos, o afeto não é um elemento que pode ou não estar presente nas relações escolares, ele as constitui. Dessa forma, as relações de afeto que emergem no contexto escolar podem potencializar ou enfraquecer o processo de ensino-aprendizagem, dentre outras possibilidades (GAZZOTTI, 2019, p.100).

Através da afetividade que o aluno se associa a aprendizagem, ao professor e ao ambiente escolar. É por meio da afetividade que as relações são construídas e aprofundadas e é no espaço escolar que elas serão desenvolvidas ou diminuídas. A partir da relação que o professor estabelece com o aluno os conhecimentos e as relações irão se moldar, assim como sua autoestima e sua independência.

Uma experiência que me marcou fez com que optasse por sair da creche. Depois de 3 (três) meses fui realocada de sala e passei a ser auxiliar de sala do Maternal II e todos os dias após a regente da sala terminar o expediente ficava responsável por entregar todas as crianças aos seus responsáveis. No horário de saída das turmas que aconteciam às 18hrs da tarde, todas as crianças tinham que ficar na sala de vídeo (local onde recebíamos e entregávamos as crianças aos pais), do Berçário ao Maternal III. Todos os dias por voltas das 18:15 uma criança da minha turma tomava uma mamadeira com mingau, que eu ficava responsável por fazer. Em um dia, que até então parecia ser mais um dia normal, como todos os outros sai da sala de vídeo para preparar a mamadeira e deixei os alunos pelos quais era responsável sob o cuidado de outra professora (regente de outra turma). Quando retornei com o mingau pronto fui informada que um aluno do Maternal III havia caído em cima de um aluno da minha turma, que alias era um aluno autista, mas a professora informou que ele tinha chorado um pouco e logo tinha parado. Verifiquei se ele estava bem e seguí entregando as crianças aos pais, até que a mãe do meu aluno que havia sofrido o pequeno “acidente” chegou para busca-lo. No momento em que ela chegou o aluno estava assistindo TV deitado em uma cadeirinha. Estava calmo e sorridente no momento em que ela chegou e quando ele a viu saiu em disparada e correu até ela que o ergueu por debaixo do braço que nesse momento começou a chorar muito, um choro de dor. A mãe perguntou se ele havia caído ou algo assim e nesse momento não lembrei do ocorrido. Disse que o dia tinha sido normal e ela saiu com ele ainda aos prantos. Logo que eles saíram pelo portão da escola uma colega de trabalho lembrou do que tinha acontecido imediatamente entrei em contato com a professora regente da minha turma para contar o ocorrido e comunicar aos pais o fato. Depois de algumas horas recebi uma

mensagem de que o aluno tinha fraturado a clavícula. Entrei em desespero. Lembro que quando recebi a mensagem estava na parada de ônibus aguardando para ir para casa e ali mesmo cai aos prantos. Ele só tinha dois anos. Como pude ser tão desatenta? Como pude não me lembrar do que tinha acontecido? Me culpei por muito tempo.

Ele passou 15 (quinze) dias afastado da escola e quando ele retornou as aulas eu não conseguia trabalhar de forma normal. Eu precisava trocar a fralda de todos os alunos, banhar e por pra dormir, mas quando ele voltou, não conseguia olhar para ele. Uma semana depois que ele retornou me demiti. Não foi nada fácil, principalmente pelo fato de ter criado vínculos com as crianças que trabalhava. Já havia me adaptado a elas e suas rotinas. Imaginar começar essas relações em outra escola e precisar me adaptar a outra rotina parecia muito trabalhoso. Mas a culpa que eu sentia não me deixava continuar lá. Após 5 (cinco) meses fui contratada por outra escola, também como estagiária e fui direcionada a uma turma do 1º ano do ensino fundamental como auxiliar de turma. A relação com a turma aconteceu de forma bem diferente do imaginado. Por nunca ter participado da dinâmica de uma sala de aula do ensino fundamental, não imaginei que me identificaria tanto com a turma. Além da diferença de idades entre o Maternal II/III e o 1º ano do ensino fundamental a relação com os alunos era completamente desigual.

Havia a rotina e as atividades diárias, mas a relação com os alunos era o diferencial. Eles eram mais independentes, as conversas eram diferentes, o modo de interação entre aluno/aluno acontecia de um modo que eu não tinha experienciado antes. Eles conseguiam se expressar de forma mais compreensível, o que em parte tornava os conflitos que ocorriam em sala um pouco mais fáceis de resolver. Uma vez que compreendemos as necessidades e as particularidades dos alunos diante os momentos de frustração, podemos auxiliar e estimular o seu desenvolvimento.

Pois, “Respeitar a individualidade da criança, a sua liberdade e ao mesmo tempo prepará-la para viver em sociedade, é confrontá-la com os limites decorrentes da vida em grupo”. (MACHADO, 1991, p.87)

As experiências que vivenciei durante meus estágios me ajudaram a perceber que não posso somente transmitir e ensinar é necessário que haja a troca com os alunos. Compreender suas particularidades, respeitar suas opiniões e estimular sua criatividade faz parte do processo de ensino. Assim como se preocupar como as relações de afeto estão dispostas dentro de sala, seja a relação professor/aluno ou aluno/aluno.

II – SEÇÃO: PERCURSO METODOLOGICO

A metodologia escolhida foi à pesquisa qualitativa, em especial a modalidade de pesquisa narrativa, dado que “[...] narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência”, uma vez que “a experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 48). Por esse motivo, a pesquisa narrativa possibilita entender e estudar o ambiente da vida real por

meio dos relatos de experiência através da cooperação entre o pesquisador e os participantes, pois a história dos próprios indivíduos consiste no seu objeto de estudo.

De acordo com Rabello (2011, p. 183):

A experiência humana tem uma qualidade estoriada que só pode ser interpretada de maneira qualitativa, pois cada indivíduo descreve narrativamente a sua vivência passada (como criança, docente, investigador ou componente de certo grupo), sempre reanalizando dentro do seu contexto atual – profissional, histórico, social.

Desse modo, o pesquisador narrativo é um pesquisador qualitativo e pesquisas que tenham esse caráter possuem o poder de formá-lo e transforma-lo, exatamente porque se encontra no âmbito da vida, na base de toda a ação e, assim, de toda a operação do conhecimento. Assim, história de vida também é uma modalidade de estudo em abordagem qualitativa.

As participantes da pesquisa são 03 (três) professoras da Educação Infantil que atuam em uma escola privada do município de Castanhal-PA. A escolha das participantes se justifica pela inquietude de analisar e identificar por meio da discursividade do professor e sua perspectiva sobre a importância do afeto dentro de sala e como o utilizam na sua prática docente, considerando as metodologias que são adotadas para que a relação professor/aluno esteja ocorrendo de forma sadia, visando o desenvolvimento pleno do aluno.

A seleção das professoras surgiu a partir dos conhecimentos que têm sobre seus campos de atuação, nesse caso, a educação infantil. Tive a oportunidade de trabalhar na mesma instituição das professoras selecionadas e fui capaz de observar suas atuações dentro de sala de aula com os alunos. A partir disso, quando iniciei meu trabalho já conseguia identificar quais seriam os sujeitos da minha pesquisa. Antes das entrevistas ocorrerem, foram realizadas conversas de forma presencial e por meio de mensagens via internet, onde todas as comunicações tinham como propósito convidá-las para participar da pesquisa.

Desta maneira, identificaremos as entrevistadas pelos pseudônimos, Marina, Olivia e Dália. É importante destacar que as participantes foram escolhidas por atuarem na educação infantil, que é o foco principal desta pesquisa. Por isso, foram coletados dados quanto os anos de experiências na educação infantil e os anos de formação das referidas professoras.

Marina tem 27 anos, é licenciada em Letras Espanhol pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Castanhal. Concluiu a graduação em 2016, mas não seguiu a carreira. Em 2017 prestou o vestibular pela segunda vez, foi aprovada e ingressou no curso de

Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Castanhal. Atua como docente na educação infantil a quase 01 (um) ano em uma escola da rede privada. Sua turma é pelo turno vespertino.

Olivia tem 24 anos, é licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Castanhal. É contratada e trabalha em uma escola da rede privada na educação infantil a 01 (um) ano e meio, em uma turma no turno matutino.

Dália tem 25 anos, é formada em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP) Polo Castanhal. Atua a 03 (três) anos como docente na educação infantil e possui duas turmas, sendo uma no turno matutino e outra no vespertino.

A constituição de dados se dará de forma presencial com as entrevistadas, incluindo perguntas abertas que foram gravados em áudio e posteriormente transcritos sobre a concepção de afeto dentro da prática docente do professor a partir de suas experiências e em seguida como essa prática é utilizada dentro de sala de aula de modo a auxiliar no processo de ensino do aluno. Esse método de registro de dados foi escolhido por motivo de “[..] a pesquisa qualitativa enfatiza as qualidades de entidades e processos que não são apresentadas em termos de quantidade, intensidade ou frequência. Ela enfatiza a natureza socialmente construída da realidade, o relacionamento íntimo entre o pesquisador e o que é estudado” (GIL, 2021, p. 2). Portanto, os discursos, as teorias e as experiências ganham um significado.

Logo após, a pesquisa foi realizada e posteriormente, o processo de levantamento dos dados. Para isso, foram examinados os respectivos resultados em diálogos com os autores que abordam sobre a importância da afetividade na prática docente. E também com autores que discutem as narrativas como base para a construção de instrumentos que podem possibilitar a análise das experiências vivenciadas no campo da vida real, possibilitando que histórias reais possam servir como base para questionamentos futuros.

Na sequência, apresento como analisei as narrativas das participantes sobre suas vivências, partindo dos aspectos que nortearam minhas inquietações quanto à afetividade na prática docente.

Levando em conta que o propósito deste trabalho está focalizado nas experiências e na interação dos participantes da pesquisa por meio das entrevistas sobre prática docente, utilizarei como método de análise para os discursos das professoras do ensino infantil a investigação narrativa, onde as considerações dos sujeitos, seus valores e teorias qualificam

suas experiências a partir de histórias nas quais seus aspectos mais subjetivos são valorizados. Desse modo, a investigação narrativa colabora para “[...] ampliar a consciência em relação aos fenômenos que investiga, tanto do pesquisador como dos sujeitos envolvidos” (MORAES, 2018, p. 44).

Assim, a interpretação das falas das participantes ocorre a partir da compreensão das suas experiências por meio do meu ponto de vista apoiado nas contribuições teóricas de Clandinin e Connelly, Vygotsky, Wallon e outros.

Nesse processo,

[...] são as respostas às perguntas de sentido e significância social que por sua vez modelam os textos de campo em textos de pesquisa. Estas são as questões que formam a análise e interpretação do trabalho [...] um pesquisador, compondo um texto de pesquisa, procura por padrões [...] tanto dentro como através de uma experiência individual em cenário social (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 178)

No sentido de estruturar melhor o diálogo com as falas das participantes, foi criado duas categorias, 1) **Afetividade** e 2) **Prática docente**.

Na categoria 1) **Afetividade**: objetivou-se analisar e compreender a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem e os benefícios que promove, provocando a reflexão das entrevistadas sobre a temática, de modo que elas narrem suas opiniões e conceitos.

A categoria 2) **Prática docente**, implica no diálogo das participantes a partir da sua atuação como docente e as expressões de afeto para com os alunos, assim como o uso da afetividade na sua prática docente.

Na próxima seção analisarei os relatos de experiências das entrevistadas a partir dos seus relatos sobre sua prática docente.

III SEÇÃO – AS RELAÇÕES DE AFETO COMO UMA FERRAMENTA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Nesta seção apresento as falas das professoras entrevistadas quanto a sua prática docente, a importância da afetividade para as mesmas e as relações de afeto que estabelecem com os alunos.

3.1 - AFETIVIDADE

Na primeira categoria da análise das entrevistas, ocorrerá a apresentação e análise das falas das participantes a cerca da importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem e os benefícios que a mesma promove. Também, serão relatadas suas experiências e vivências quanto à afetividade e suas relações com os alunos.

A partir dos diálogos com as docentes, procurou-se compreender em que sentidos a afetividade se tornava importante dentro do contexto da educação infantil para as participantes. Todas identificaram que a afetividade é de extremamente importante para o processo de ensino e aprendizagem. Dentro de seus discursos relataram que:

Marina: A educação infantil é uma das fases mais importantes da criança, porque não dizer do ser humano, né? É a fase em que ela vai moldar seu caráter e formar sua personalidade. Então acho que o afeto, o carinho, às vezes um abraço ajuda muito a crianças a se sentir mais confiante, se sentir mais à vontade. Principalmente quando é a primeira vez da criança no ambiente escolar, quando está no momento de adaptação. Porque é um momento em que se adaptando a novas pessoas, uma nova rotina, um novo ambiente e isso gera na criança muita insegurança, muito medo. Então nesse momento de adaptação a figura do professor é muito importante, para que esse momento seja o mais saudável possível para a criança. Acredito também que a afetividade é importante para que possa desenvolver uma aprendizagem mais saudável e possa se desenvolver de uma forma mais positiva, mais tranquila.

Olivia: Eu acredito que a afetividade é extremamente importante dentro do campo educacional e influencia diretamente no desenvolvimento da criança. Vygotsky diz que “não se deve haver a separação entre os aspectos intelectuais e afetivos”, ou seja, a partir dessa perspectiva a gente entende que a afetividade deve acontecer, deve estar presente dentro do campo educacional e dentro da relação entre professor/aluno e aluno/aluno.

Dália: Dependendo do contexto em que a criança está inserida, o processo de ensino e aprendizagem pode ser um dos mais difíceis, com isso, acredito que é a afetividade entre professor e aluno que irá tornar este um momento de fácil compreensão e significativo para ambos, o que me leva a enfatizar que a afetividade neste processo é de extrema importância.

Podemos observar nas falas que Marina, Olivia e Dália reconhecem que a afetividade não pode ser dissociada do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que facilita o seu desenvolvimento e sua relação com o professor e com os outros alunos. É nesse meio onde o aluno vai formar grande parte da sua personalidade, a partir das suas relações de afetivo-emocionais, sejam elas conscientes ou inconscientes. Vygotsky (1991) diz que as relações complexas que acontecem entre o emotivo e o cognitivo, relacionadas à questão da aprendizagem estão diretamente ligadas as normas e os valores culturais. Portanto, todas as manifestações das emoções estão unidas socialmente.

Assim como podemos observar na fala de Olivia “*construir laços afetivos com a criança faz-se necessário para que essa criança se desenvolva cada vez mais e cada vez mais ela consiga aprender com mais facilidade, justamente porque a afetividade propicia essa*

situação para que a criança cada vez mais tenha a vontade de estudar, de aprender, de ir para a escola para ver a professora, ver os colegas e enfim”.

Outro ponto discutido nas conversas foi os benefícios que a afetividade promove quando trabalhada na aprendizagem. Diante essa perspectiva e as vivências das professoras quando a temática, os seguintes argumentos surgiram:

Marina: Acredito que sem o afeto não a uma possibilidade de se construir uma relação saudável e duradoura entre professor e aluno. Principalmente se a gente tiver em mente que as experiências que adquiriu na infância, principalmente nessa primeira infância, que se trata da educação infantil influenciará ao decorrer de toda a vida seja positiva ou negativamente. Então quanto mais a criança se sentir amada, aceita e acolhida mais vai despertar a curiosidade dela de conhecer e aprender. Então quando o professor tem sua prática docente, sua prática pedagógica sendo desenvolvida a partir do acolhimento, da empatia e da sensibilidade ele vai garantir que essa criança se sinta mais segura, mais a vontade de estar no ambiente escolar e isso vai proporcionar a criança um suporte para que possa se desenvolver de forma mais sadia.

Olivia: Analisando um pouco da minha realidade percebo que a afetividade contribui de forma positiva quando o aluno se sente acolhido, a criança tem vontade de ir para a escola, escuto às vezes dos pais elogios de que a criança está em casa e esta falando: “a minha tia, eu adoro ela. Tô com saudades dela. Eu gosto muito dela”. Então isso, criar esse laço afetivo com a criança é muito interessante, porque a criança sente essa animação, sente esse entusiasmo de frequentar a escola de realizar as atividades e principalmente de estabelecer um vínculo afetivo e de respeito. A criança precisa entender que “é a minha professora. Eu devo respeitá-la”. Então quando a criança percebe que ela ultrapassou um pouco os limites, digamos assim, dentro da sala de aula e você para pra conversar com essa criança, ela consegue te entender. Por quê? Porque ela entende que você não que o mau dela, entende que você está falando porque realmente é o correto. Então, você ter esse diálogo com a criança é muito importante dentro da nossa prática docente.

Dália: Ao utilizar a afetividade com meus alunos é possível sentir de imediato o retorno do sentimento o que eleva consideravelmente o nível de interesse pela aula, permite aproximação da escola com a família, e ao ocorrer esta parceria é possível alcançar os avanços desejados com a criança.

Marina e Olivia assimilam que é a partir dos laços que o professor cria com o seu aluno, a criança se sinta respeitada e cuidada, pois é somente com esse laço afetivo que os limites podem ser impostos de forma respeitosa, pois os alunos entendem, por meio do diálogo, o que esta sendo conversado. Assim,

A relação professor-aluno deve ser construída primeiramente com base no diálogo. É através deste que podem ser detectados opiniões e problemas comuns a praticamente todo ser humano e estabelecido o companheirismo entre ambos, traduzindo-se, assim, numa melhor prática educativa e numa sólida aprendizagem (Medeiros, 2017, p.6).

A relação entre professor/aluno não será perfeita, considerando que as relações entre os sujeitos se modificam, mas uma relação que enalteça as qualidades de ambos torna possível o convívio com as diferenças do outro.

1.1 Prática docente

Os relatos das professoras elaboram sobre sua prática docente desenvolvida partir da afetividade e em quais atitudes as mesmas estabeleciam essa relação de afeto com os alunos. Sendo assim, de maneira geral as participantes salientaram atitudes como: acolher; ter sensibilidade de ouvir; compreender o processo da criança e fazer com que a criança se sinta uma parte importante da escola.

Desse modo:

Marina: Bom, eu sempre procuro ouvir os alunos, perguntar como foi o dia deles, sempre procuro ver se alguns estão mais tristes, procuro conversar sobre o que aconteceu, procuro ouvir a criança. Porque acho que é muito importante. E a questão do acolhimento, quando estão passando por alguma “birra”. Às vezes procurar o que esta por trás daquilo, porque muitas vezes não é só como a gente chama de birra ou tolice criança, as vezes são coisas muito maiores. Como por exemplo, problemas em casa com os pais que acabam afetando a criança e demonstram nos comportamentos delas que eles não estão bem. Então ter essa sensibilidade de ouvir e prestar atenção nas crianças.

Olivia: Fazendo uma análise da minha realidade percebo que estabeleço esse laço afetivo com os meus alunos na acolhida principalmente, quando a criança entra na sala de aula se sinta acolhida, se sente amada. Então assim, é prazeroso para a criança chegar em um lugar que é bem-vista, que é querida. Outra forma de estabelecer esse laço afetivo com a criança é através da compreensão de que cada criança tem seu processo de desenvolvimento, então é fato que as crianças estão em diferentes níveis de aprendizagem e o professor precisa compreender isso, acolher as dificuldades de cada criança, trabalhar em cima disso, trabalhar a autoestima da criança, a autonomia. Outra forma de demonstrar essa afetividade é através do abraço, das conversas e de demonstrações que a criança se sinta importante dentro da sala de aula dentro do campo escolar.

Dália: Acredito que olhar para meus alunos com carinho e observando suas diferenças e encaixando-as nos momentos em sala de aula para que se sintam parte importante da escola.

Diante as experiências descritas por Marina, Olivia e Dália é possível compreender que todas as participantes estabelecem a troca de afeto com seus alunos por meio da escuta, do diálogo, do cuidado diário com a recepção do aluno em sala, possibilitando a autonomia e a autoestima da criança. Por isso:

A docência é concebida como ação complexa que exige dos professores, além do domínio do conteúdo específico, capacidade em motivar e incentivar os estudantes, atenção a suas dificuldades e ao seu progresso, estímulo a trabalhos em grupos

visando a cooperação e a busca solidária na resolução de problemas, escuta ativa e respeito às diferenças, reconhecendo a riqueza da diversidade cultural dos estudantes sob todas as suas formas, dentre outros aspectos. A afetividade joga um papel importante na motivação dos estudantes diante das disciplinas do currículo, dos professores que as ministram e, conseqüentemente, da aprendizagem escolar (Ribeiro, 2010, p.08).

Por esse motivo, a relação afetiva pode se caracterizar como manifestações por parte do professor, com base em respeito, empatia, confiança, no ato de fazer uso de palavras positivas, como elogios, o que pode produzir um efeito de motivação que, segundo Ribeiro (2010, p.02), “não é uma questão de técnica, mas depende da relação que se estabelece com esse sujeito”, passa confiança ao aluno a ponto de que ele se sinta a peça principal para o aprendizado.

Partindo do uso da afetividade na prática docente Olivia: (...) *eu busco usá-la como uma ferramenta que vai me possibilitar criar uma relação com a criança cada vez mais bem estruturada, bem alinhada, ou seja, a afetividade pode propiciar isso para o docente, justamente porque a criança confiando no professor se sente cada vez mais estimulada a se desenvolver, a estudar, a fazer as suas atividades com cada vez mais capricho*”.

Já Dália reforça a ideia de que para se constituir como uma “boa professora” foi necessário entender que a educação é uma via de mão dupla. Então compreender que nem em todos os momentos os alunos se sentiram dispostos a participar da aula, é normal. Logo, caberá ao professor motivar seus alunos e procurar metodologias que se adequem a turma.

Nesse sentido, a qualidade da mediação do professor pode gerar diferentes tipos de sentimentos na relação sujeito/objeto. Ou seja, o trabalho concreto do professor em sala de aula (suas formas de interação com os alunos, suas estratégias para abordar os conteúdos, os tipos de atividades que propõe, os procedimentos de correção e, avaliação, por exemplo) certamente tem uma influência decisiva na construção dessa relação (Leite & Tagliaferro, 2002, p.12).

Pensar como esta relação professor-aluno deve ser composta: por um laço afetivo, que é um dos elementos essenciais na formação do aluno. A afetividade deve ser usada, através das relações estabelecidas a partir do professor, como um facilitador da aprendizagem, pois na mediação dos processos pedagógicos sua relação afetiva com o aluno auxilia no processo de ensino e aprendizagem, sendo capaz de superar os erros e aprender com eles, para que juntos cheguem aos objetivos estabelecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar compreender narrativamente as experiências que constituem o processo da prática docente, mas sem a intenção de criar fórmulas a serem seguidas, percebi a importância de dialogar com os docentes em atuação. Primeiro por ser um assunto complexo e segundo por ainda estar no começo desse caminho.

Neste sentido, a afetividade na educação infantil é indispensável e na prática docente é um fator essencial, uma vez que através dela o professor pode compreender as necessidades do aluno e por meio de diálogos estabelecer um vínculo com o educando.

Mediante as entrevistas pôde-se perceber que as perspectivas sobre afetividade para as participantes são diversas e muitas apontam como “acolher”, “escutar”, “dialogar”, “abraçar” e dentro desse contexto é evidenciado que a afetividade é importante para desenvolver uma aprendizagem mais saudável e ajudar o aluno a se desenvolver de uma forma mais positiva.

Também ficou evidente que as professoras utilizam a afetividade na sua prática docente compreendendo o processo de aprendizagem de cada criança e fazendo com que o aluno se sinta como uma parte importante da escola e da construção do seu processo de conhecimento, sendo acolhido e compreendido.

Portanto, o desenvolvimento da criança acontece por meio das relações, do convívio social e através da vivência. É durante a relação com o aluno que o professor consegue criar esse vínculo de afeto e proporcionar um processo de ensino mais saudável.

O processo de me tornar uma docente dedicada à alfabetização de crianças no ensino infantil tem suas limitações. A escassez de estágios que demonstrem como ocorre o funcionamento de uma sala de aula infantil e a carência de programas de formação que tragam as narrativas de outras atuantes da educação infantil. Compreendo que o desenvolvimento do professor se dá a partir de suas experiências quanto sujeito e da sua busca por conhecimento, mas aprendizados que estejam ligados diretamente às narrativas, faz toda a diferença, uma vez que torna o sujeito mais próximo da realidade.

Utilizar as narrativas na pesquisa gerou suporte para “[...] compreender a vivência social em suas condições e práticas concretas” e, ainda, “[...] abrir caminhos de um conhecimento mais humano e diferenciado da realidade social” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 273).

Escrever essa pesquisa exigiu de mim uma grande interação com as leituras dos livros, textos e ampliação nos conhecimentos e de tal forma foram esclarecedores para a minha prática docente. Foi de suma importância entender que as minhas vivências também podem ser utilizadas como recurso para outras reflexões e mesmo sabendo que todas as pesquisas que foram ou serão escritas em algum momento da história humana foram exploradas por algum indivíduo, nenhuma irá conter as minhas vivências ou meu olhar. Porque somente eu as vivenciei.

Em suma, a afetividade foi de grande importância durante toda a pesquisa, pois pode-se levar em consideração que a afetividade tem que ser um estudo aprofundado pelo professor, buscar compreender toda a sua complexidade sobre afeto para ter melhor resultados no seu contexto escolar e na sala de aula. E entender que essas relações sócias emocionais podem trazer mais segurança para o desempenho de suas atividades na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- BERTAUX, D. **La perspective biográfica: validez metodológica y potencialidades**. Paris: Presses Universitaires de France, 1980. (Cahiers Interantionaux de Sociologie, v. LXIX).
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- CACHEFFO, Viviane Aparecida Ferreira Favareto; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Afetividade nas práticas educativas da educação Infantil. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 26, número especial 1, p. 17-33, jan. 2015. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2814/2915> Acesso em 15 de novembro de 2022.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. **Relatos de experiência e investigacion narrativa**. In: LARROSA, J. Déjame que te cuente. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia-Minas Gerais: Editora EDUFU, 2011.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Histórias de vida: Da invenção de si ao projeto de formação**. Natal, Porto Alegre, Salvador: EDUFRN, EDIPUCRS, EDUNEB, 2014.
- FREIRE, P. (1996). **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GAZZOTTI, D. **Afetividade, emoção e vínculo nas relações escolares: uma perspectiva histórico-cultural**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.47.2019.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Editora Atlas Ltda, 2021, p. 129.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Editora Atlas Ltda, 2021, p. 2.
- GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Lisboa: Temas e Debates, 1997.
- LEITE, S A da S e TASSONI, E C M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. São Paulo/SP, 2002.
- LOPES, L. P. M. **Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem sócio-construtivista**. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M.

- T. L. (orgs.) *Narrativa, identidade e clínica* Rio de Janeiro: Ipub, Cuca, 2001. P. 55-7.
- MACHADO, M. L. A. **Pré-escola é o não é escola: a busca de um caminho**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- MAUCO, G. **Educação da sensibilidade na criança. Ensaio sobre a evolução da vida afetiva**. Lisboa: Moraes Editores, 1986.
- MEDEIROS, M. F. (2017). **O papel da afetividade na relação professor e aluno e suas implicações na aprendizagem**. RPGE, 21 (2), 1165 – 1178.
- NÓVOA, A. (coord.) **Os professores e a sua formação**. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- RABELO, A.O. **A importância da investigação narrativa na educação**. Educ. Soc., v.32, n. 114, 171-188, jan./mar2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n114/a11v32n114.pdf>. Acesso em: 29 de novembro de 2022.
- RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia**, Campinas, p.403- 412, jul. set. 2010. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300012> > Acesso em: 23 de novembro. 2022.
- SARMENTO, Nara Regina Goulart. **AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM**. 2010. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Pedagogia/Licenciatura. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71877/000880292.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 set. 2022
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- VYGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. (1991). **A formação social da mente**: Vygotsky, L. S. Martins Fontes.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VYGOTSKY. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WALLON, H. **Psicologia e educação da criança**. Lisboa: Editorial Veja, 1979;
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade nas práticas pedagógicas**. Tema psicol., Ribeirão Preto, v.20, n.2, p. 355-368, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2012000200006&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 24 nov. 2022.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sua participação é voluntária e você pode recusar ou interromper o preenchimento a qualquer momento. Sua contribuição é fundamental para que esta pesquisa possa alcançar seus objetivos e gerar resultados que permitam à Faculdade de Pedagogia e à sociedade em geral se beneficiarem deste trabalho. Seu anonimato está garantido, de forma que não há riscos de que dados individuais sejam identificados como seus. Os resultados serão tratados estatisticamente de forma agregada e os respondentes não serão identificados, privilegiando o sigilo das informações. Caso existam dúvidas no preenchimento ou necessite de esclarecimentos, favor contatar-nos agora ou pelo e-mail hevellys512gmail.com. Agradecemos sua atenção e esperamos receber sua valiosa contribuição.

Eu _____, declaro que li as informações e concordo em participar do Projeto de pesquisa acima descrito.

Castanhal ____/____/2022.

Assinatura do/a participante

Assinatura da pesquisadora

ANEXO A – Entrevista

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

PERFIL

- 1- Idade:
- 2- Sexo: Masculino () Feminino ()
- 3- Quantos anos de atuação no cargo em que ocupa? _____
- 4- Escola: Pública () Privada ()
- 5- Concursado: Sim () Não ()

CATEGORIA: MINHAS VIVÊNCIAS NO ESTAGIO: A AFETIVIDADE A PARTIR DA PRÁTICA DOCENTE COMO AUXÍLIO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

1. **Na sua opinião, qual a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem?**

2. **Na sua atuação como docente, quais atitudes em que você demonstra relação de afetividade com os seus alunos?**

3. **Em sua atuação como professora, comente sobre a afetividade na sua prática docente?**

4. **Conte-me, quais os benefícios que você observar utilizando a afetividade no processo de ensino aprendizagem?**